

Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul
Tesouro do Estado
Divisão de Estudos Econômicos e Fiscais e Qualidade do Gasto

Panorama Econômico e Perspectivas 2023-2026

Clarissa Black¹
Fernando Maccari Lara²
André Luis Contri³

TEXTOS PARA DISCUSSÃO TE/RS N° 22

dezembro/2022

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Tesouro do Estado, ou de interesse da instituição, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões e debates de ideias. Todas as contribuições recebidas passam, necessariamente, por avaliação de admissibilidade e por análise dos pares. As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do órgão.

¹ Doutora em Economia.

² Doutor em Economia.

³ Mestre em Economia.

Resumo

Este artigo apresenta um panorama atual da economia internacional e brasileira, as perspectivas para o período 2023-2026 e elabora uma síntese, ao final. As expectativas indicam uma desaceleração no produto interno bruto à nível mundial e no Brasil. Especificamente quanto às expectativas para o desempenho econômico do País, ressalta-se que dependem da orientação da política econômica que será adotada. Caso haja uma ênfase nos investimentos públicos e na recuperação do poder de compra das famílias, a economia brasileira pode apresentar um maior dinamismo em relação ao previsto inicialmente.

SUMÁRIO

ECONOMIA INTERNACIONAL.....	4
1. Desaceleração do crescimento mundial, após a recuperação pós-pandemia.....	4
2. Um fato estilizado da recuperação econômica é a alta da inflação global.....	5
3. Entre as razões para a alta inflacionária está a dinâmica das <i>commodities</i> , principalmente combustíveis e alimentos.....	6
4. Diante da inflação elevada, os principais bancos centrais aumentaram as taxas de juros, o que levou à valorização do dólar e ao aumento na taxa de câmbio (R\$/US\$).....	6
ECONOMIA BRASILEIRA.....	9
5. No Brasil, a deflação registrada no trimestre jul.-set/2022 é explicada principalmente preços administrados, mas em outubro o IPCA voltou a subir (0,59%).....	9
6. Após a recuperação em “V”, a economia brasileira apresenta sinais de desaceleração.....	10
7. Pela ótica da demanda, o PIB brasileiro no primeiro semestre foi puxado pelo consumo das famílias.....	10
8. Pela ótica da oferta, os serviços são o destaque positivo, diante da retomada das atividades presenciais.....	11
9. Apesar da expectativa de uma safra recorde de grãos, o PIB da agropecuária registrou desempenho negativo atribuído à soja, afetada pela escassez pluviométrica.....	12
10. Do ponto de vista setorial, a recuperação é assimétrica. Os serviços apresentam um bom desempenho em 2022, enquanto a indústria permanece com dificuldades.....	13
11. A indústria gaúcha acompanha o movimento descendente do investimento no Brasil.....	14
PERSPECTIVAS ECONÔMICAS 2023-2026.....	15
12. Em 2023, estima-se um arrefecimento nas pressões inflacionárias a nível mundial, no entanto, a inflação global permanecerá elevada. No Brasil, espera-se que a inflação se situe acima da meta de inflação (3,25%).....	15
13. Para a Economia Mundial e para o Brasil, a expectativa é a continuidade da desaceleração, em 2023.....	16
SÍNTESE ECONÔMICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17

ECONOMIA INTERNACIONAL

1. Desaceleração do crescimento mundial, após a recuperação pós-pandemia.

Após a recuperação da atividade econômica mundial de 2021 (6,0%), a expectativa é uma desaceleração no crescimento do PIB global, segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI). Nesse sentido, há uma expectativa de enfraquecimento também no crescimento do comércio global, o que tem levado ao debate sobre “desglobalização”, especialmente após a pandemia e o conflito bélico, e uma tendência à regionalização das Cadeias Globais de Valor.

Taxa de crescimento do PIB (%) por regiões e economias selecionadas

	2020	2021	2022
Mundo	-3,0	6,0	3,2
Economias avançadas	-4,4	5,2	2,4
Zona do Euro	-6,1	5,2	3,1
União Europeia	-5,6	5,4	3,2
Mercados emergentes e em desenvolvimento	-1,9	6,6	3,7
Emergentes e em desenvolvimento da Ásia	-0,6	7,2	4,4
Emergentes e em desenvolvimento da Europa	-1,7	6,8	0,0
América Latina e Caribe	-7,0	6,9	3,5
Oriente Médio e Ásia Central	-2,7	4,5	5,0
África Subsaariana	-1,6	4,7	3,6
		<i>Países</i>	
Brasil	-3,9	4,6	2,8
Alemanha	-3,7	2,6	1,5
Canadá	-5,2	4,5	3,3
China	2,2	8,1	3,2
Estados Unidos	-3,4	5,7	1,6
Índia	-6,6	8,7	6,8
Japão	-4,6	1,7	1,7
México	-8,1	4,8	2,1
Rússia	-2,7	4,7	-3,4
Reino Unido	-9,3	7,4	3,6

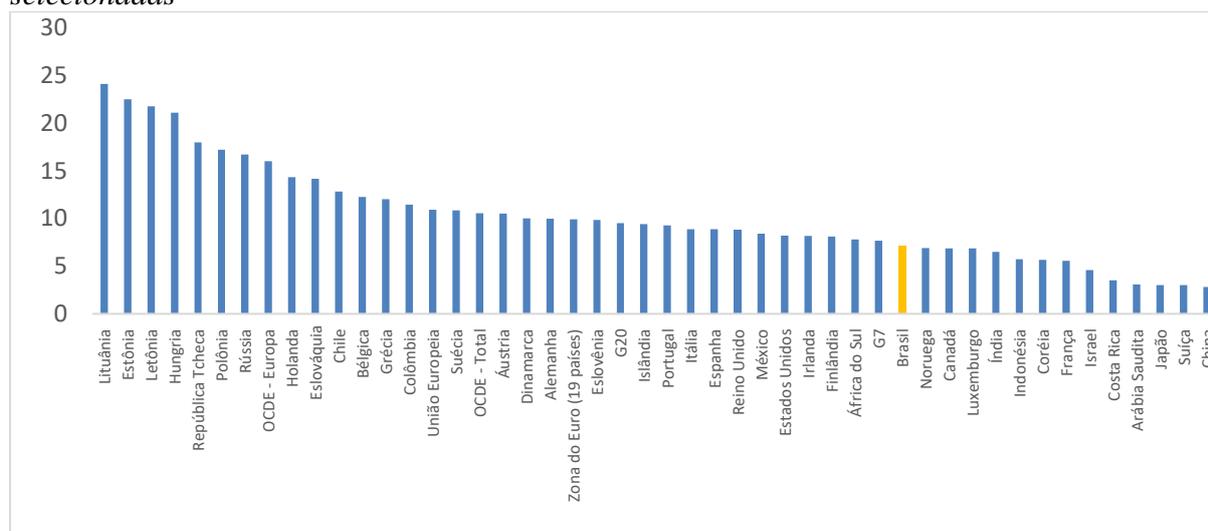
Fonte: FMI (*Outlook out./2022*).

Dentre as maiores economias, destaca-se a perda de ritmo do crescimento chinês em meio às restrições para o combate da covid-19, com redução estimada na taxa de crescimento de 8,1% para 3,2%, entre 2021 e 2022. Para os Estados Unidos é esperada uma queda de 4,1 pontos percentuais no crescimento econômico, nesse mesmo período. Nos países da Zona do Euro, os quais têm sofrido restrições no fornecimento de energia, a taxa esperada de expansão do PIB é de 3,1%.

2. Um fato estilizado da recuperação econômica é a alta da inflação global.

A alta inflacionária é um fato estilizado da recuperação após o pior período da crise provocada pela pandemia. A desorganização das cadeias globais de suprimento levou à escassez de insumos industriais e à alta de custos. Outro fator adicional de pressão sobre a inflação global foi a deflagração do conflito bélico no Leste Europeu.

Taxa de crescimento da inflação (%) acumulada em 12 meses, por regiões e economias selecionadas*



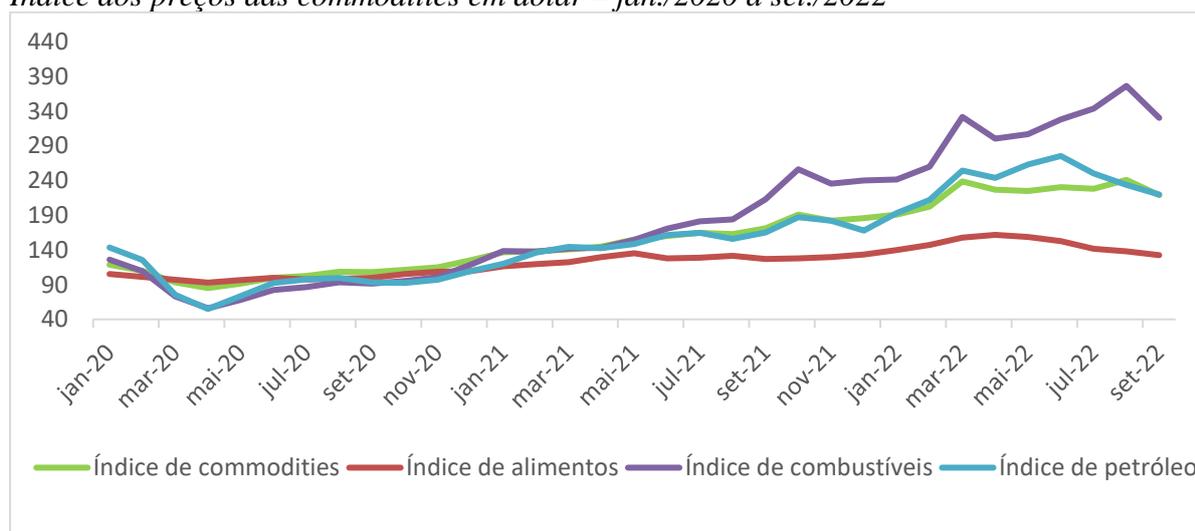
Fonte: OCDE. Nota 1: *último dado disponível (out/2022 ou set/2022). Nota 2: Turquia e Argentina, com inflação superior a 80%, foram retiradas do gráfico.

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), dentre os países com maior alta inflacionária acumulada em 12 meses, destaca-se a Turquia e a Argentina, com taxa superior a 80%. Na sequência estão os países europeus, principalmente do Leste. Já o Brasil, que estava com inflação de dois dígitos na primeira metade do ano, registrou inflação inferior às economias avançadas, como os Estados Unidos e o Reino Unido, no segundo semestre de 2022. Isso está relacionado à deflação registrada no País entre julho e setembro de 2022, em meio à redução de tributos e à diminuição dos preços praticados pela Petrobrás nas refinarias, como será discutido no item 5, a seguir.

3. Entre as razões para a alta inflacionária está a dinâmica das *commodities*, principalmente combustíveis e alimentos

Após a queda abrupta do preço internacional do petróleo no momento mais agudo da crise da covid-19, a valorização das *commodities* no mercado internacional pode ser observada desde meados de 2020 e é uma das principais razões para a alta dos preços a nível global. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia representou um choque adicional nos preços, principalmente de alimentos e combustíveis. Como exemplo, o preço internacional do gás natural mais do que dobrou entre setembro de 2022 e o mesmo mês de 2021, de acordo com dados do FMI. Por sua vez o preço do petróleo cresceu 33%, no mesmo período. Já os alimentos, os quais registraram taxa de 25% em abril de 2022 em relação a igual período do ano anterior, têm apresentado enfraquecimento nas pressões altistas, desde maio.

Índice dos preços das commodities em dólar – jan./2020 a set./2022



Fonte: FMI. Nota: 2016=100.

4. Diante da inflação elevada, os principais bancos centrais aumentaram as taxas de juros, o que levou à valorização do dólar e ao aumento na taxa de câmbio (R\$/US\$)

Os movimentos de câmbio e juros têm estado entre os fenômenos mais interessantes no período pós-pandemia. Após um longo período praticando uma taxa básica de juros expressivamente baixa, o Federal Reserve (FED, Banco Central dos Estados Unidos) passou a elevá-la a partir de março de 2022. Tal fato tende a afetar de forma significativa o comportamento dos fluxos de capitais e das cotações das taxas de câmbio ao redor do mundo.

O caso brasileiro é um tanto peculiar e é preciso analisar a questão em termos de subperíodos com diferentes extensões.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar a grande desvalorização que ocorreu em relação às outras moedas, no primeiro ano da pandemia. Conforme mostra o gráfico, o real não se revalorizou comparado com uma cesta de outras moedas após a abrupta queda do preço do petróleo (nos primeiros meses de 2020) e em sincronia com a recuperação desses preços⁴. Foi basicamente deste processo e dos sucessivos repasses de custos aos preços que resultou a forte pressão inflacionária que se estendeu pelo ano de 2021 e com a qual ainda se convive, ainda que com movimentos pontuais importantes no sentido contrário, no segundo semestre de 2022.

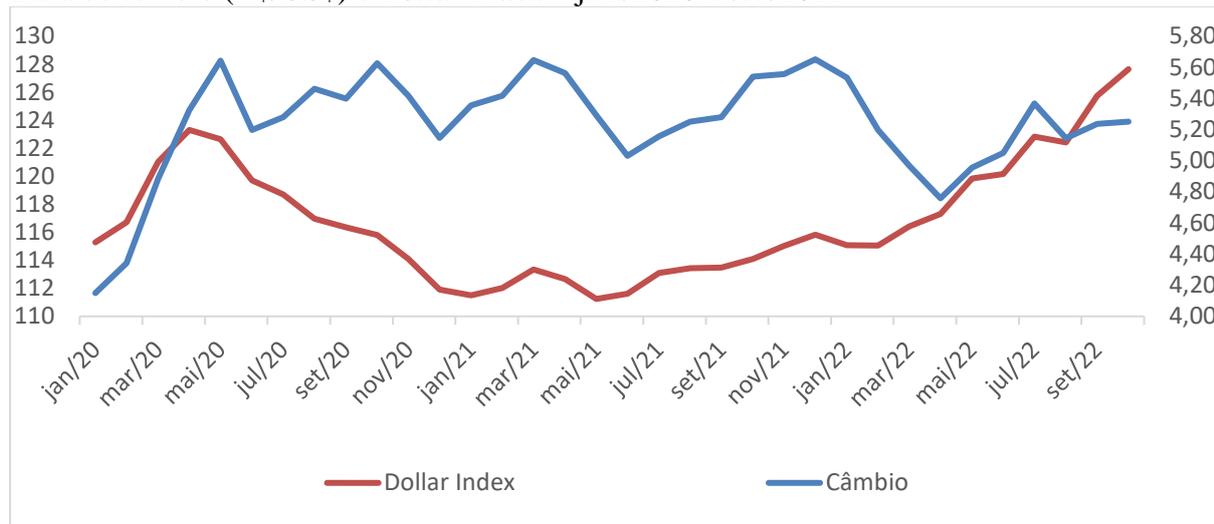
Vale observar que a queda dos preços dos combustíveis não se deu exclusivamente em função da redução de tributação, mas também de diminuições dos preços praticados pela Petrobrás e que isto reflete a combinação entre a política de preços praticada, os preços internacionais e a evolução da taxa de câmbio.

Trabalhos recentes têm reconhecido a ocorrência de uma lenta revalorização do real⁵, ainda que assimétrica em relação à desvalorização forte e abrupta de 2020. Intervenções no mercado de câmbio e a expressiva elevação da taxa de juros (muito acima da alta promovida pelo FED e dos indicadores de risco externo, o que elevou o diferencial de juros) que ocorreu ao longo dos anos de 2021 e 2022 parecem ter sido eficazes em promover esta trajetória.

⁴ Conforme discutido em Lara (2021), disponível em: <https://iffdbrazil.org/index.php/2021/09/23/policy-note-n-2-a-exagerada-insustentavel-e-efemera-reducao-da-taxa-de-juros-no-brasil/>

⁵ Aidar e Braga (2022), disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/observatorio-banco-central/porque-e-errado-comparar-a-situacao-brasileira-com-a-crise-cambial-no-reino-unido/>

Taxa de câmbio (R\$/US\$) e *Dollar Index* – jan./2020 a set./2022



Fonte: Banco Central do Brasil e *Federal Reserve*. Nota: O *Dollar Index* está no eixo esquerdo com base jan./2006=100.

Entre outubro de 2021 e o mesmo mês de 2022, o *Dollar Index* (o qual calcula o valor do dólar em relação a uma cesta de moedas) referente à moeda dos países emergentes registrou uma desvalorização de 7,5%, ao passo que, no mesmo período, o real revalorizou cerca de 6,8%. Tem havido também expressiva volatilidade do preço do petróleo, mas, tomando este mesmo período como referência, esta valorização nominal foi essencial para compensar parcialmente uma elevação de 12,2% no preço do petróleo em dólares, no mercado internacional⁶.

Considerando um período mais curto (segundo semestre de 2022), há uma inversão e um movimento de redução do preço do petróleo em dólares e alguma desvalorização do real. Mas vale notar (no gráfico acima) que nesse último período tal desvalorização do real volta a ocorrer em linha com as demais moedas, não de forma dissonante. Além do efeito de compensação, que se manifesta na queda do preço do petróleo em dólares, resulta em um preço do petróleo em reais relativamente mais estável ao longo deste curto período, mais recente.

⁶ Note-se a diferença que fazem esses movimentos inversos: considerando essa cesta de moedas dos países emergentes, o preço do petróleo subiu de forma combinada 20%; com a dinâmica compensatória do Real, o crescimento do preço do petróleo em moeda doméstica foi de apenas 4,5% no período.

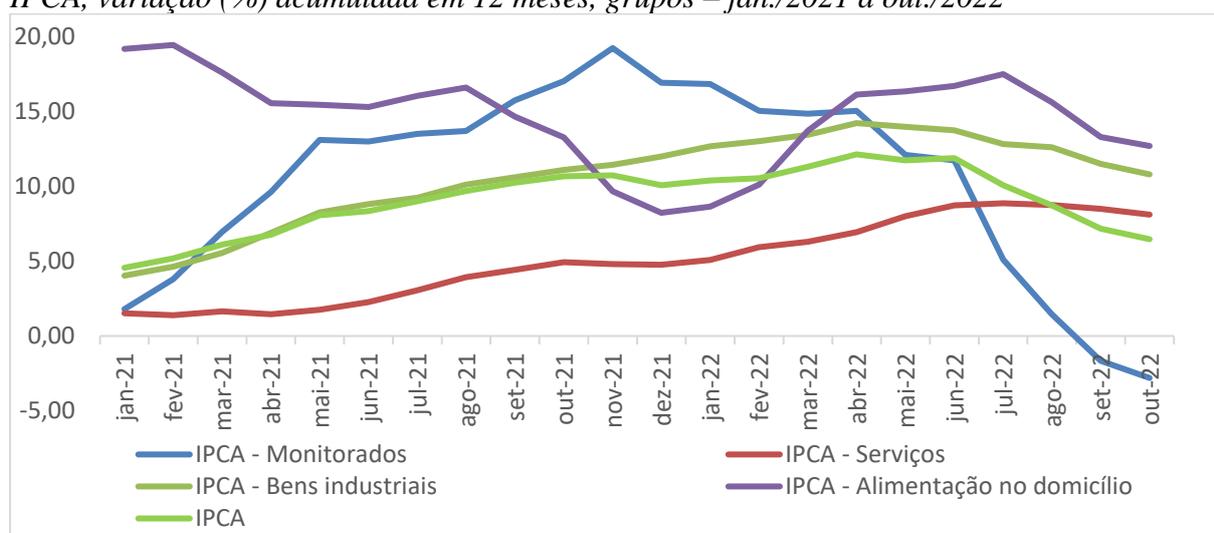
ECONOMIA BRASILEIRA

5. No Brasil, a deflação registrada no trimestre jul.-set/2022 é explicada principalmente preços administrados, mas em outubro o IPCA voltou a subir (0,59%).

Após passar os primeiros sete meses de 2022 com uma inflação acumulada em 12 meses acima de 10,0%, o IPCA entrou em uma trajetória acentuadamente decrescente entre os meses de agosto a outubro. Esta trajetória do IPCA foi determinada, essencialmente, pela queda nos preços dos bens administrados. Enquanto em abril a taxa de inflação destes bens, no acumulado 12 meses, estava em 15,0%, no mês de outubro esta mesma taxa já apresentava uma variação negativa de -2,8%. Convém destacar que os monitorados têm um peso de 25,1% do IPCA. Dentro deste grupo de bens, o item “combustíveis e energia” foi o responsável por tal deflação, chegando a acumular, nos 12 meses até outubro, uma queda de 11,4%.

Quando se observa, no entanto, a evolução dos preços dos bens industriais e dos serviços, a desaceleração no seu crescimento tem sido bem mais atenuada. Assim, no acumulado 12 meses até outubro, os bens industriais ainda apresentavam um crescimento de 10,8%, enquanto para os serviços esta taxa estava em 8,1%, ambos acima do IPCA total. Em que pese a deflação no IPCA observada nos meses de julho a setembro, em outubro o índice apresentou um crescimento de 0,59. Apesar disso, segundo o Relatório Focus do Banco Central, a expectativa é de que a inflação acumulada ao longo de 2022 fique abaixo dos 6,0%.

IPCA, variação (%) acumulada em 12 meses, grupos – jan./2021 a out./2022

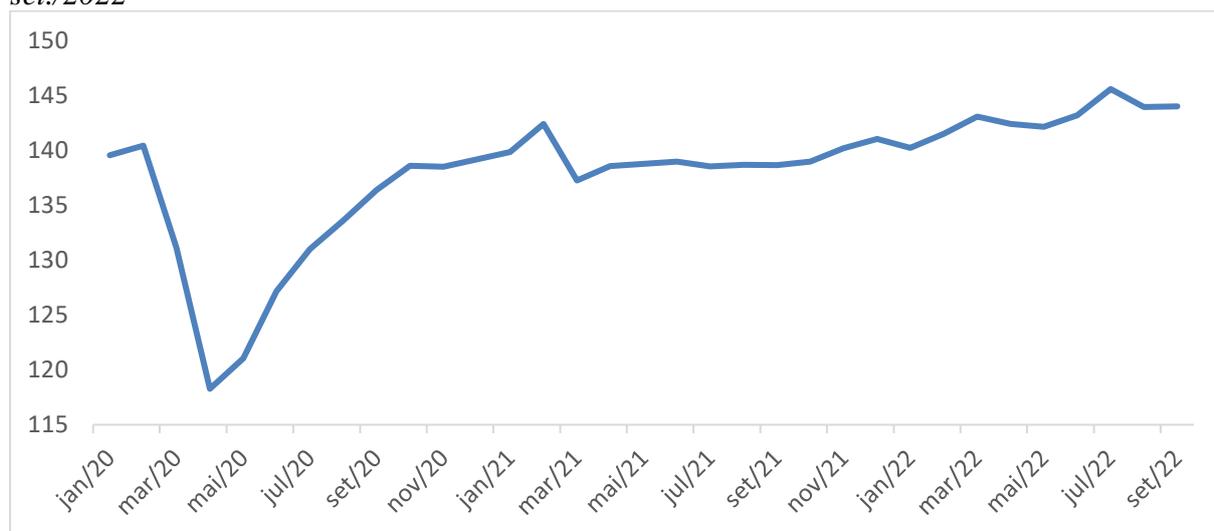


Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil.

6. Após a recuperação em “V”, a economia brasileira apresenta sinais de desaceleração

Depois de uma rápida recuperação da atividade econômica observada a partir do segundo semestre de 2020, esta trajetória se estabilizou ao longo de 2021, com o nível de produção em torno do patamar pré-pandemia. Ao longo do primeiro semestre de 2022, no entanto, a economia brasileira vem apresentando uma trajetória de crescimento. Apesar do PIB ter crescido 3,7% no primeiro semestre de 2022 em relação ao mesmo semestre de 2021, os indicadores que têm sido divulgados pelo Banco Central (IBC-Br) e pelo IBGE (produção industrial) apontam para uma desaceleração do crescimento no segundo semestre. Assim, tanto as estimativas do Boletim Focus do Banco Central quanto o FMI apontam para um crescimento de 2,8% do PIB no corrente ano.

Índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-BR) com ajuste sazonal – jan./2020 a set./2022



Fonte: Banco Central do Brasil. Nota: 2002=100.

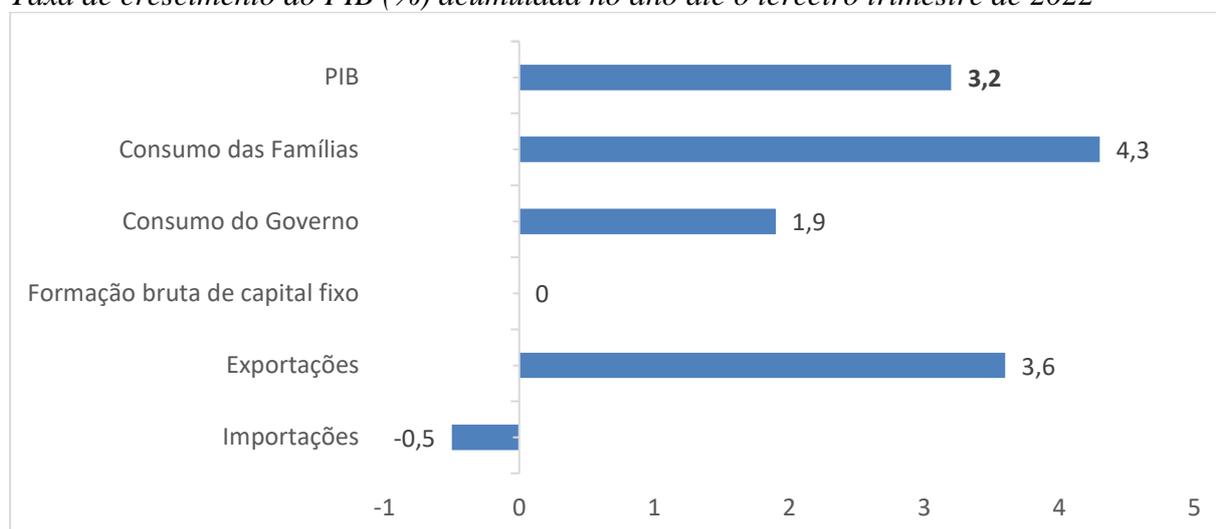
7. Pela ótica da demanda, o PIB brasileiro no primeiro semestre foi puxado pelo consumo das famílias

Conforme se pode observar no gráfico a seguir, a taxa de crescimento do PIB no acumulado do ano até o terceiro trimestre é de 3,2%, com destaque para o crescimento do consumo das famílias, a principal categoria a ser observada, tendo em vista o potencial de retomada do crescimento econômico.

Pelo critério do crescimento em 12 meses, a taxa de crescimento de 3,0% até setembro tem como principal motor o consumo das famílias de 3,7%. As questões mais relevantes para projetar o comportamento desta variável daqui para a frente estão muito relacionadas com a orientação da política macroeconômica que será adotada pelo novo governo.

A conjuntura recente tem levado a constatar uma vez mais a importância das decisões de despesa pública para o nível de atividade e o crescimento. Durante a crise, os auxílios governamentais sustentaram o fluxo de despesa da economia e evitaram aquilo que poderia ser uma desastrosa interrupção do consumo. Posteriormente, os choques de preços relativos mostraram sua força em fragilizar o poder de compra da população, contexto no qual os auxílios seguiram sendo uma ação em tentativa compensatória⁷.

Taxa de crescimento do PIB (%) acumulada no ano até o terceiro trimestre de 2022



Fonte: IBGE.

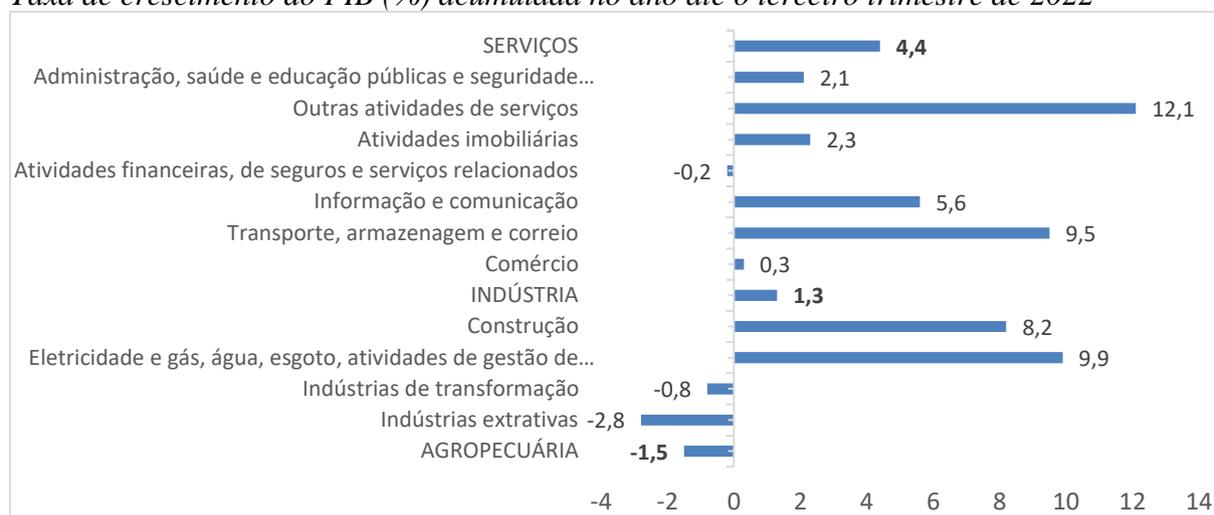
8. Pela ótica da oferta, os serviços são o destaque positivo, diante da retomada das atividades presenciais.

Do lado da oferta, o PIB do Brasil tem sido puxado pelo setor de serviços, beneficiado pela retomada das atividades presenciais. As atividades de destaque são “outras atividades de serviços” e os transportes. Já a indústria apresenta uma heterogeneidade no desempenho das atividades. De um lado, construção e as atividades de eletricidade, gás, água e esgoto com

⁷ Os estudos sobre os efeitos do setor público na demanda exigem uma desagregação que possa estabelecer os multiplicadores apropriados em relação ao seu efeito sobre o nível de atividade. Fatores relacionados com mudanças de preços relativos são cruciais e são objeto do projeto “Barômetro Fiscal”, no âmbito do Projeto de Inovação do Tesouro do Estado (PIT).

taxas positivas, enquanto a indústria de transformação e extrativa com taxas negativas. Por sua vez, a agropecuária exibe um desempenho negativo no produto do setor, influenciado pela dinâmica da soja, conforme o item a seguir.

Taxa de crescimento do PIB (%) acumulada no ano até o terceiro trimestre de 2022



Fonte: IBGE.

9. Apesar da expectativa de uma safra recorde de grãos, o PIB da agropecuária registrou desempenho negativo atribuído à soja, afetada pela escassez pluviométrica.

A safra de grãos brasileira de 2022 está estimada em 262,8 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 3,8% em comparação com o ano anterior e um recorde histórico. Os destaques positivos são o milho e o trigo, enquanto a soja apresentou um desempenho negativo, afetado pela falta de chuvas, principalmente na Região Sul do País.

Produção (em toneladas)

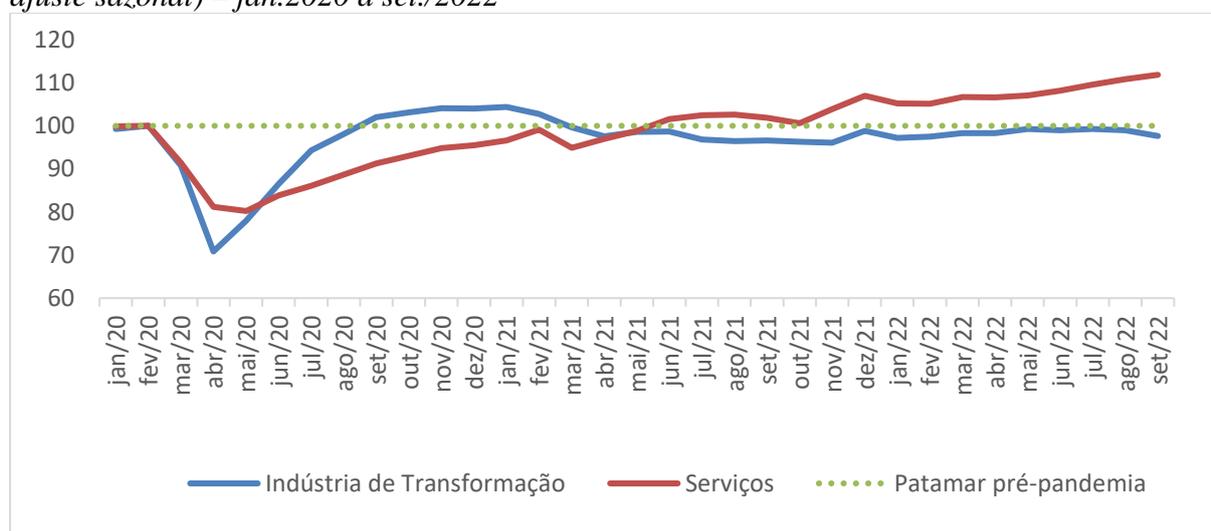
Produto	Período		Variação (%)
	Safra 2021	Safra 2022	
Cereais, leguminosas e oleaginosas	253 205 838	262 764 112	3,8
Arroz	11 620 292	10 680 664	-8,1
Milho (1ª Safra)	25 662 204	25 372 949	-1,1
Milho (2ª Safra)	62 124 916	84 989 468	36,8
Soja	134 933 704	119 462 781	-11,5
Trigo	7 816 867	9 582 581	22,6

Fonte: IBGE.

10. Do ponto de vista setorial, a recuperação é assimétrica. Os serviços apresentam um bom desempenho em 2022, enquanto a indústria permanece com dificuldades.

Os dados analisados anteriormente demonstram que, ao longo do ano até o terceiro trimestre, o desempenho das atividades econômicas foi desigual, o mesmo ocorrendo com os componentes da demanda agregada. Quando se analisa o comportamento dos setores de serviços e da indústria de transformação, os serviços, em setembro de 2022, já estavam com um volume de produção 11,8% acima do seu patamar pré-pandemia. Por outro lado, a indústria de transformação terminou o terceiro trimestre com sua produção física 2,4% abaixo do seu nível de fevereiro de 2020.

Índice do volume da produção da indústria de transformação e do volume de serviços (com ajuste sazonal) – jan.2020 a set./2022



Fonte: IBGE. Nota: fev./2020=100.

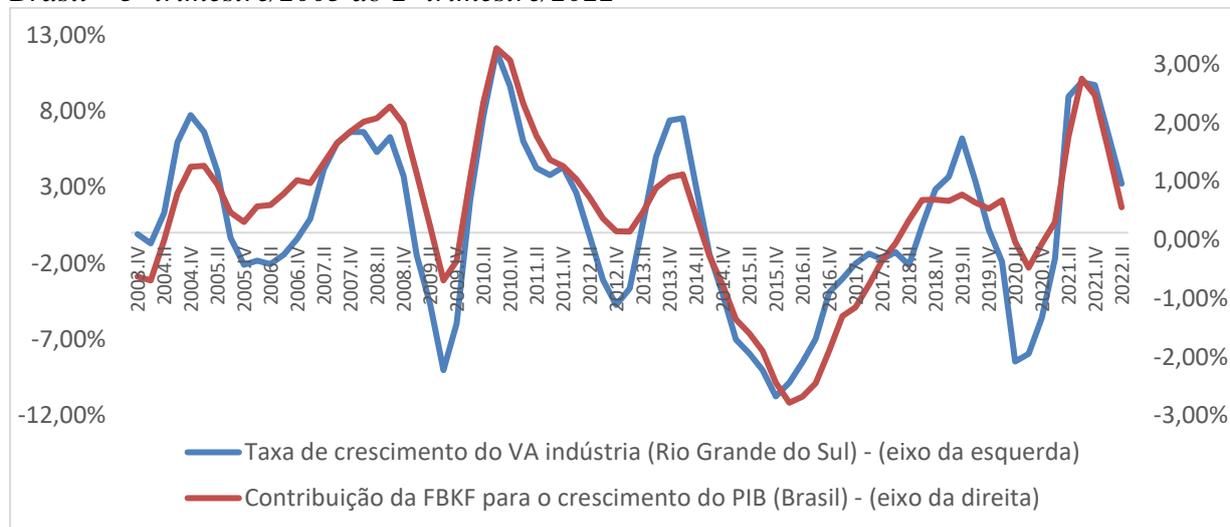
A situação da indústria de transformação brasileira é particularmente preocupante, uma vez que encerrou o ano de 2021 com um patamar de produção abaixo do nível de 2004. Caso se confirme um crescimento nulo em 2022, estar-se-ia retornando ao nível de 18 anos atrás, o que anularia o crescimento industrial que ocorreu até 2014.

11. A indústria gaúcha acompanha o movimento descendente do investimento no Brasil

A indústria gaúcha de máquinas agrícolas apresentou um bom desempenho em 2021. Conforme se pode observar no gráfico abaixo, existe uma notável sincronia entre a taxa de crescimento da indústria do Rio Grande do Sul e a contribuição da formação bruta de capital fixo para o crescimento do PIB nacional. Este último indicador é uma forma sintética de expressar a intensidade do investimento a cada momento. Seu comportamento revela a ocorrência de um breve ciclo ao longo de 2021 e que agora demonstra sinais de esgotamento.

Do ponto de vista conjuntural, uma continuada expansão do consumo é o que se considera necessário para justificar a elevação da taxa de investimento e, por esta via, voltar a exercer esse efeito positivo sobre o desempenho de parcela importante do segmento industrial localizado no Estado. O fato de ter sido um ciclo intensivo em acumulação de capital na agropecuária é sugestivo para uma análise da relação entre essas duas variáveis⁸.

Taxa de crescimento do Valor Adicionado (VA) da indústria no Rio Grande do Sul e contribuição da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) para o crescimento do PIB do Brasil – 3º trimestre/2003 ao 2º trimestre/2022



Fonte: IBGE e DEE/SPGG/RS.

⁸ A natureza estrutural deste tipo de ocorrência pode ser mais bem compreendida por estudos intersetoriais como os que estão em curso no Tesouro do Estado, em torno do projeto de elaboração da Matriz de Avaliação da Estrutura Produtiva do Rio Grande do Sul (MAEP).

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS 2023-2026

12. Em 2023, estima-se um arrefecimento nas pressões inflacionárias a nível mundial, no entanto, a inflação global permanecerá elevada. No Brasil, espera-se que a inflação se situe acima da meta de inflação (3,25%).

As principais fontes de expectativas inflacionárias apontam para um arrefecimento do crescimento dos preços para o próximo ano e para um período mais longo, tanto para o mundo, quanto para o Brasil. Dentre os principais riscos para a inflação global no curto prazo têm sido citados o conflito geopolítico e as decisões da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). A longo prazo, é preciso considerar os efeitos da taxação sobre emissões de carbono e da possibilidade de “desglobalização”.

Taxa de inflação (%) por regiões e economias selecionadas

	2022	2023	2024	2025	2026
Mundo	9,1	5,1	3,8	3,4	3,3
Economias avançadas	7,0	3,2	2,1	1,9	1,9
Economias emergentes e em desenvolvimento	10,6	6,4	4,9	4,5	4,3
Brasil (FMI)	6,0	4,7	3,0	3,0	3,0
Brasil (Relatório Focus)	5,8	4,9	3,5	3,0	3,0

Fonte: FMI (*Outlook* out./2022) e Relatório Focus (de 11/11/2022, com previsão até 2025).

Conforme destacado acima, a especificidade da inflação brasileira não deve ser desconsiderada. Parece razoável esperar um cenário de inflação mais benigno daqui para a frente, mas nem sempre isso se configura como um componente dinamizador do crescimento econômico. Na medida em que uma inflação baixa seja sustentada por um crescimento excessivamente baixo dos salários nominais (como ocorria, por exemplo, no período anterior à pandemia) isto não favoreceria o crescimento das rendas salariais e o consumo das famílias.

Diante do resultado das eleições presidenciais, entretanto, não é implausível esperar por uma gestão de preços administrados (como os combustíveis e energia) e de preços políticos (como o salário-mínimo) mais sensíveis a uma recuperação do poder de compra da população. Se houver valorização cambial nominal e um comportamento relativamente estável dos preços das *commodities*, a expectativa de inflação deve se reduzir com mais rapidez e este efeito distributivo seria impulsionado. Um cenário inverso, menos promissor, poderia ocorrer em caso de novos choques de preços internacionais ou da taxa de câmbio que voltasse a acelerar a inflação e pressionar o poder de compra da população.

13. Para a Economia Mundial e para o Brasil, a expectativa é a continuidade da desaceleração, em 2023.

Para o ano de 2023, o FMI estima uma desaceleração na taxa de crescimento do PIB mundial, a qual será puxada pelo baixo crescimento das economias avançadas, para as quais estima-se um crescimento de 1,1%. As estimativas demonstram que esta desaceleração será mais acentuada na Zona do Euro e na União Europeia. Cabe destacar, também, a desaceleração estimada para os Estados Unidos e a recessão prevista para a Alemanha. De forma semelhante ao que ocorre com os países desenvolvidos, o FMI prevê uma considerável desaceleração do crescimento da América Latina e Caribe.

Por outro lado, segundo as estimativas, os países emergentes deverão apresentar taxas mais elevadas de crescimento no próximo ano, com destaque para as economias da China, Índia e os países asiáticos. Para a economia brasileira, tanto o relatório do FMI, quanto o boletim Focus do Banco Central preveem uma desaceleração no crescimento em 2023. Cabe considerar que o efetivo desempenho da economia brasileira nos próximos anos depende crucialmente da orientação da política econômica que será adotada.

Taxa de crescimento do PIB (%) por regiões e economias selecionadas

	2023	2024	2025	2026
Mundo	2,7	3,2	3,4	3,3
Economias avançadas	1,1	1,6	1,9	1,9
Zona do Euro	0,5	1,8	1,9	1,7
União Europeia	0,7	2,1	2,2	2,0
Mercados emergentes e em desenvolvimento	3,7	4,3	4,3	4,3
Emergentes e em desenvolvimento da Ásia	4,9	5,2	5,3	5,2
Emergentes e em desenvolvimento da Europa	0,6	2,5	2,3	2,3
América Latina e Caribe	1,7	2,4	2,5	2,5
Oriente Médio e Ásia Central	3,6	3,5	3,6	3,7
África Subsaariana	3,7	4,1	4,2	4,3
	<i>Países</i>			
Brasil (FMI)	1,0	1,9	2,0	2,0
Brasil (Relatório Focus)	0,7	1,8	2,0	2,0
Alemanha	-0,3	2,0	2,2	1,8
Canadá	1,5	1,6	2,3	1,9
China	4,4	4,5	4,6	4,6
Estados Unidos	1,0	1,2	1,8	2,1
Índia	6,1	6,8	6,8	6,5
Japão	1,6	1,3	0,9	0,5
México	1,2	1,8	2,1	2,1
Rússia	-2,3	1,5	1,0	0,8
Reino Unido	0,3	0,6	2,3	2,2

Fonte: FMI (*Outlook out./2022*) e Relatório Focus (de 11/11/2022, com previsão até 2025).

Para os próximos quatro anos, caso as despesas públicas sejam mais orientadas aos investimentos públicos e aos gastos sociais, isso implicaria em um estímulo mais robusto sobre o nível de atividade, através do aumento do consumo das famílias e do papel indutor dos investimentos públicos. Já se pôde perceber pela conjuntura recente, especialmente com as transferências de renda durante os anos de pandemia, como estes gastos potencializam o ambiente econômico.

Adicionalmente, se for adotada uma política de proteção e de incremento do poder de compra dos salários, pela via dos preços administrados, e de preços políticos, como o salário-mínimo, pode se concretizar um crescimento econômico mais robusto, ao estimular o consumo das famílias.

No prazo mais curto, existe essa desaceleração do breve ciclo de investimento muito concentrado na agropecuária e que favoreceu a indústria gaúcha, conforme discutido no item 11. Nesse intervalo de tempo, os processos mais relevantes são as discussões sobre a PEC da transição e o novo arcabouço fiscal. Conforme dito, se for aprovada a proposta de aumentar a verba destinada aos gastos sociais e investimentos públicos, a economia brasileira poderá apresentar um crescimento acima das estimativas mencionadas por causa do efeito direto e indireto sobre o consumo das famílias. Assim, uma nova elevação da taxa de investimento em decorrência disso poderia trazer efeitos positivos mais permanentes sobre a indústria estadual.

SÍNTESE ECONÔMICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os principais pontos tratados no panorama econômico e nas perspectivas, podemos destacar, em síntese:

- Uma desaceleração no crescimento mundial em 2022 e 2023;
- Debate sobre “desglobalização” e maior tendência à regionalização das Cadeias Globais de Valor;
- Inflação persistente, acompanhada de política monetária restritiva e valorização do dólar;
- No Brasil, a manutenção do Auxílio Brasil/Bolsa Família e a expectativa de reajuste real do salário-mínimo tendem a estimular o consumo das famílias e o setor de serviços;

- Os serviços têm puxado o PIB do Brasil em 2022. Já, a indústria brasileira permanece com dificuldades, como a alta de custos, o aumento dos juros e a escassez de insumos;
- Por outro lado, um ciclo de estímulo ao consumo mais sustentado, tende a elevar o investimento e favorecer a indústria estadual;
- Para o horizonte 2023-2026, o desempenho da economia brasileira em termos de crescimento depende da orientação da política econômica que será adotada. Caso haja uma ênfase nos investimentos públicos e na recuperação do poder de compra das famílias, a economia brasileira pode apresentar um maior dinamismo em relação ao inicialmente previsto;
- A deflação do IPCA entre julho e setembro de 2022 foi explicada pelos preços administrados. No entanto, em outubro, o País voltou a registrar taxa de inflação positiva. Em outras palavras, a inflação continua alta a longo prazo, principalmente no caso dos alimentos. No entanto o índice geral no acumulado do ano apresentou arrefecimento, em função do trimestre de deflação citado;
- Dentre os principais riscos para inflação global no curto prazo podem ser citados o conflito geopolítico e as decisões da OPEP. A longo prazo, é preciso considerar os possíveis efeitos da taxação sobre emissões de carbono e da hipótese da “desglobalização”.